

EURICO, O PRESBÍTERO

Apareceu na *Revista Panorama* e na *Revista Universal Lisbonense* em 1843 e foi editado em volume em 1844. O seu título primitivo foi **Eurico, o Presbítero ou o último poeta godo**.

Herculano classificou-o de «crónica-poema, lenda ou o que quer que seja». É, com efeito, um autêntico poema romântico em prosa pelo estilo majestoso e poético a lembrar os salmos bíblicos e também uma crónica, porque nos relata a época, meio histórica, meio lendária, da «transição, digamos assim, dos tempos heróicos da história moderna (a monarquia visigótica) para o período da cavalaria, brilhante ainda, mas já de dimensões ordinárias».

Nele a imaginação do autor voa mais livre e nisto se distingue das restantes obras romanescas.

A sua imaginação épica espraia-se e narciza-se em belas descrições como a batalha de Crissus, a fuga de Eurico através da natureza selvática após ter raptado Hermengarda, a batalha de Covadonga, o sonho de Eurico, no Calpe, a desfiguração das monjas no mosteiro da Virgem Dolorosa, etc. Como na sua obra poética, também aqui se debruça em reflexões de carácter filosófico sobre os problemas da humanidade.

Análise crítica

O ascetismo profético, a intensidade amorosa aumentada por preconceitos aristocráticos, a melancolia e o pessimismo, o refúgio na solidão e na religião consoladora, a paisagem rude e grandiosa, o tom épico e oratório e a loucura de Hermengarda, somam alguns dos aspectos que tornam este romance tipicamente romântico. Os períodos são ora longos, ora curtos, com a predominância dos primeiros. A linguagem é afectiva e abstracta, algumas vezes poética (Capítulos III, V, VI e VII), feita de interrogações retóricas, anáforas e repetições. São belas também as metáforas e comparações.

Tanto o **Eurico** como o **Monge de Cister** são romances de tese e ambos formam a chamada série **Monasticon**. No primeiro daqueles escreveu o autor: «...da ideia do celibato religioso, das suas conseqüências forçosas e dos raros vestígios que destas achei nas tradições monásticas nasceu o presente livro». Ambos estudam «à luz do sentimento a irremediável solidão da alma a que a igreja condenou os seus ministros», isto é, a solidão moral e social do sacerdócio católico sujeito aos votos do celibato.

Note-se, desde já, que, pretendendo condenar o celibato, não o conseguiu. Num e noutro caso nenhum dos clérigos abraçou o sacerdócio com a verdadeira vocação que deve existir nos escolhidos de Deus. Eurico e Vasco fizeram-se clérigos tão-somente porque o amor lhes fora cruel. Todos nós sabemos – e para demonstrá-lo não serão necessários períodos retóricos – que o sacerdócio foi instituído para combatentes por um ideal nobre, superior e digno, e nunca poderá ser refúgio, mais ou menos fagueiro, de falhados e vencidos. Ambos se fizeram sacerdotes pelo sentimento e não pela convicção. Indignos e desprezíveis.

Características

O Bobo, Eurico, o **Presbítero** e **O Monge de Cister** têm algumas características comuns que a seguir vamos enunciar:

- A verdade da reconstituição histórica e local;

- A história de amores contrariados (Dulce e Egas, Hermengarda e Eurico, Leonor e Vasco) que terminam na sede da vingança (Egas e Vasco);

- A representação das classes sociais - o clero e a nobreza de um lado, o povo do outro - através do jogo das personagens que ora são sublimes, ora grotescas;

- O emprego das divagações (morais, políticas, religiosas, históricas e sociais), que cansam por serem demasiado extensas. Deixa falar pouco as personagens tornando-se o principal intérprete da narrativa, o que a torna pesada.

- A narração de cenas movimentadas (o rapto de Hermengarda, a procissão de Corpus Christi, a batalha de Crissus, o sarau);

- O gosto pela época medieval o que, aliás, já se verificou nas *Lendas e Narrativas*. Quais as razões desta preferência?

Herculano, como Garrett e qualquer romântico, via na Idade Média a «primavera do espírito do povo» característica de cada nação, considerava-a o período em que «as forças sociais se tinham desenvolvido espontaneamente, isto é, sem intervenção do poder central», o que se coadunava perfeitamente com o seu liberalismo, e a data em que se geraram os grandes movimentos nacionalistas. A liberdade naquela época, que já chamaram de trevas, impropriamente, não estava condicionada ainda pelo absolutismo que começaria a sentir-se nos inícios do séc. XVI.

Daí o seu interesse pela exaltação do carácter cívico e patriótico do povo e carinho das grandes figuras nacionais, a sua preferência pelas épocas de profunda crise de nacionalidade (*Bobo* - séc. XII e o *Monge de Cister* - séc. XV) e de civilização (*Eurico* - séc. VIII).

- Em todos eles as personagens são uma espécie de símbolos abstractos com psicologia quase inverosímil.

ESTILO E LINGUAGEM

- Soube traduzir a majestade retórica do seu estilo: *a)* pela preferência de períodos longos logo seguidos de breves a explicá-los; *b)* pelo emprego de vários apostos, atributos, orações adversativas, causais, da copulativa *e* a iniciar os períodos, etc.; *c)* pelas comparações grandiosas tiradas da Natureza e seus fenómenos; *d)* pelo uso das sibilantes, do *r*, das bilabiais, dos sons fechados, etc.;

- Em vez do estilo coloquial, vivo e falado, à maneira de Garrett, usou de um estilo visualista, declamatório, intelectual e poético;

- Teve preferência por certos arcaísmos que até soam bem em romances históricos.

- Começou, por vezes, o período por uma preposição e seguiu a ordem directa na oração: sujeito, predicado e complementos

- O mar, a procela, o abismo e o vento, isto é, a natureza agreste, são os seus efeitos estilísticos mais preferidos.